

Redacção, Administração e Propriedade  
**CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA**—Telf. 5 Cete  
 Composto e Impresso na  
**TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA**

Director e Editor  
**PADRE AMÉRICO**  
 Vales do Correto para CBTE

AVENÇA

# O Gaiato

Visado pelo  
 Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 180  
 PREÇO \$100

## BOLA DE NEVE O NOSSO LIVRO

**F**OI no dia 7 de Janeiro do ano de Cristo Jesus de 1940. Da cidade de Coimbra, comigo, partiram 3 menores num carro ligeiro. Seguimos Estrada da Beira, até ao entroncamento da Louzã e d'all metemos a caminho de Miranda do Corvo. Era noite. Choveu todo o santo caminho; chuva pesada e fria. O pequeno solar, berço da obra, tinha sido adornado com a indispensável mobília, tudo muito pobre, aonde Francisco de Assis diria bem. A mesa estava posta. A governante tinha preparado a ceia. Sentamo-nos, eles mais eu. Eram três pequeninos mendigos da ruas de Coimbra. Pela primeira vez comeram de garfo, viram uma cama lavada, sentiram a presença de um amigo! Um sentiu-se mal e teve de sair da mesa. Era canja de galinha. Estimava tanto os meus hóspedes, que lhes mandei preparar o melhor. Afeito ao caixote do lixo, não suportou o manjar! Deu-me o aviso e eu tomei a primeira lição...

Estava formada a bola. Enquanto no mesmo sítio, não crescia; mas eis que começa a rolar. Marca os sítios por onde passa. Agrega novos elementos. Engrossa. Este ano, no dia 7 de Janeiro, estive propositadamente nos Lares de Coimbra e S. João da Madeira e Porto. Estive na casa de Miranda. Não fui ao Tojal pela distancia. Mas aos rapazes de Paço de Sousa, assim como aos d'aqueles nucleos, falei do acontecimento. Se me fosse possível falar a todos, reuniria 412 d'elles. A bola começou com três! Foi a canja de galinha, ainda que um d'elles a não pudesse ter comido. Não de farto, mas sim de fome: foi a canja, digo. Foi a escolha. Foi o carinho. Isto foi o primeiro impulso. Hoje, onze anos depois, dá-se o incrível. Os três, estão em quatrocentos. Entre eles, contam-se valores e vocações. São estudantes dos seminários, dos Liceus, da Universidade.

Estudantes de cursos complementares. São empregados do comércio e da indústria. Nas nossas casas de formação, eles são tecelões e sapateiros e carpinteiros e alfaiates e ferreiros e serralheiros e padeiros e cozinheiros e tipógrafos e lavradores. Tudo isto, nasceu d'uma canja de galinha, servida em pratos de barro, numa casa muito pobre e com neve de Janeiro. Até aqui todos entendem. São elementos visíveis.

Mas eu quero subir mais alto. Quero pregar a mostarda. O grão de mostarda da parábola. Sem parábolas, Jesus não abria a boca; e d'elas, tirava todas as coisas desde a constituição do mundo. Nós somos a bola de neve para os descrentes e somos o grão de mostarda para os crentes. Semente tão pequenina, que pode, no entanto, vir a dar uma planta aonde passarinhos do céu se podem abrigar.

Um alto funcionário administrativo, aconselhou-me a mandar

fazer um selo branco para a obra, em virtude do seu espantoso crescimento, e levou o seu interesse a pontos de informar sobre o seu feitio e dimensões. Eu escutei, agradei e andei. O selo da Obra é outro; Obras de Deus, têm o cunho celeste.

Lê-se nos *Actos dos Apóstolos*, que, de regresso das suas viagens, eles falavam das maravilhas que Deus operava por seu intermédio. A verdade permanece. Hoje como ontem, Deus opera maravilhas pela sua presença no Mundo.

## A NOSSA TIPOGRAFIA

**H**OJE não faço procissão. Vai somente esta carta que começa por um *Meu Padre* e termina, *Um seu irmão no Sacerdócio*. Ela é extensa, sim, mas nem tudo que lá vem se pode dizer; seria profanar. Nós costumamos receber cartas de Sacerdotes, P.º Adriano e eu também; mas não nos tratam nem querem ser nossos irmãos. Às vezes, Padre Adriano mostra-mas, quando vou a Lisboa; quer ver? E vai buscar. Passo-lhes os olhos por cima e digo, —rasga. Mas ele não; ele é mais novo. Tem mais sangue. Quer responder. *Rasga; o nosso martírio tem de ser total!* E ele rasga.

«Tenho andado já há muito tempo com o coração a doer por ainda nada ter dado para a nossa tipografia. Comovidamente tenho acompanhado, desde a primeira hora, a impressionante procissão que o Gaiato, em boa hora, iniciou. Por ser ela um feliz poema de amor e sacrificio, mais vivamente sentia o pesar de nela não me poder incorporar desde o princípio. Mas sou pobre, graças a Deus, e tive de esperar até agora para cumprir este dever de consciencia. Aceite, meu Padre e querido irmão no Sacerdócio, esta migalhinha que é dada com muito sacrificio mas, sobretudo, com muito amor. Fico rogando ao Senhor por si. Muitas vezes me lembro do Calvário que hoje se ergue em Pa-

ço de Sousa. Sobretudo o que me impressiona profundamente é o martírio do coração. Meu Padre: continue a pregar no Gaiato — ó púlpito onde em Portugal se fala claramente, desassombradamente em linguagem que todos compreendem».

Sim; delicioso poema de amor e sacrificio, por se encorporar hoje um Sacerdote pobre. *Tive de esperar até agora.*

Eu quero ser irmão d'este Sacerdote desconhecido, que manda a migalha sem nome, embrulhada num humilde papel azul; nem sequer posso dizer de como o papel e migalha vieram ter às minhas mãos; foi no turbilhão do Natal.

Hoje não há procissão. Vai um por diante de cem mil leitores de várias idades e todas as categorias, afirmar a Pobreza dos tempos da Fundação da Igreja. Passou a ser coisa rara aquilo que devia ser comum e natural a todo o Ungido que sobe aos nossos altares; e por rara, mereceser mostrada, para que não arreteça totalmente a Fé no seio do Mundo. *Sou pobre graças a Deus.*

O conceito individualista avassala trágicamente as almas e também invade as casas aonde se formam sacerdotes! Os melhores autores; os melhores professores; os cuidados de toda a ordem; o sentido permanente da escolha; a inquietação do melhor; — tudo isto tem provado insufficiente, tal a força do conceito.

Ora nós todos não seríamos de mais para salvaguardar a Herança do Redentor; e somos naturalmente incapazes d'esta alta mis-

**D**ISTRIBUIRAM-SE já os primeiros mil exemplares e andamos agora ocupados com a expedição de mais. São os mesmos operários. A mesma doutrina.

As cartas chegam em média de 80 por dia, todas explosivas! Até hoje, ainda não se leu uma com a simples notícia da remessa, como seria de esperar, afinal; ainda não se recebeu. Os leitores não se contêm que não falem. De cada vinte, há dois que se cingem ao preço, mas o sacrificio d'elles transparece, por mandarem aquilo a que chamam pouco. E não é tal; 20\$00 é o preço.

Alguns enviam 500\$ com a condição do meu nome ser apostado, e eu escrevo num cantinho da primeira página e fico muito contente com o dinheirinho. Digo mais; eu até faço por menos um tudo-nadinho. O que a gente pretende é arrumar com a dívida. Não mandamos para a Imprensa. Não mandamos aos críticos. Não oferecemos aos amigos. Nós não temos amigos nem conhecemos ninguém. A luz brilha, onde quer que esteja; e quem se não deixa inundar por ela, faz sombra. Eis. O que se pretende é que depois da sua leitura, fique o coração a arder; — e fica. Fica sim senhor!

Pudéssemos nós dar à estampa uma dúzia de cartas e ficariamos todos a saber que o mundo novo há-de renascer d'esta doutrina singela e nunca, nunca, nunca dos Tratados Internacionais. Mas estas coisas estão escondidas à intelligência dos chamados sábios, e são reveladas aos humildes.

Um facto interessante e quase unanime é a confiança mutua. Quasi todas as cartas admiram e apreciam a confiança que nós depositamos nos nossos amigos, enviando o livro ou livros sem condições. Muitos d'elles, dão-nos o nome de irmãos: nós queremos ser vossos irmãos, dizem cartas e cartas e cartas. Mais luz. Caudal de luz. Tudo quanto é simples, brota logicamente: confiança, amor, — fraternidade. Há d'elles que dizem não ser católicos, nem protestantes e pedem livros e mais livros. Temos cartas assim. E aqui vai uma nota que faz pena: muitos que se dizem católicos, não o pretendem, nunca o leram e pelo que ouvem, gostariam que livros d'estes, fossem postos no indice! Há sim senhor. Estes homens velhos, atrasam um nada, sim, mas não impedem a vinda do mundo novo.

Uma parte de leitores, pede a inscrição para futuros volumes. Ora o Piolho, mesmo sem ser rogado, está fazendo isso, por sua conta e risco. Mais. Há dias, recebi uma grande lista de nomes da África Oriental e dirigi-me ao escritório, recomendar que se fizesse um pacote unico e se encarregasse um de distribuir e receber e enviar. Levava este recadinho na ponta da lingua e ia todo contente por ter ensejo de dar ordens. De mandar. Qual quê, vai o Piolho! O que nós queremos é fichas. Vou fazer uma ficha para cada nome e enviar a cada um seu livro e pô-lo já para o futuro. Fiquei com a cara à banda. Estou farto de apanhar lições nos escritórios da tipografia e tarde lá tornarei.

são, enquanto cada um pregar os seus direitos e procurar o que é seu.

Em lugar de um poema de amor e sacrificio, temos a Banalidade!

**F**ORÇAS conservadoras têm feito e fazem reparo de nós entregarmos ao governo de rapazes, os lares de Coimbra, de S. João da Madeira e do Porto; e prognosticam sombras. Nós, porém, não somos da mesma opinião e apenas nos seja possível abrir o Lar de Lisboa, faremos da vida d'ele o que temos feito dos outros.

As realizações dos homens serão tanto mais exactas, quanto mais se aproximarem da natureza. Deus é o Autor. Os homens sómente o são em segunda mão. Ora esta doutrina também se aplica a uma obra de criação de rapazes. Pedagogia é uma palavra.

Ontem veio aqui um rapaz de um dos nossos lares com uma carta do seu chefe, aonde se expunha um caso que ele, por si, não quis resolver. Resolva com calma, era a nota final da carta! Isto é um mundo novo. Isto é o Evangelho na sua magestosa simplicidade. O Chefe do Lar, ama aquele que deseja ver repreendido ou castigado: resolva com calma. Os Conservadores, não fazem assim. Não dão procuração. Não querem ser substituídos.

# DOCTRINA

Há dias, estive comigo um outro chefe de um outro Lar, que vinha buscar dinheiro para as despesas do mês. Dei-lhe um cheque. O rapaz pede-me se pode ir pela cadeia, visitar um seu irmão; que sim. Os dois, noutros tempos, andavam pelas ruas a enganar; um fingia ataques e caía por morto, enquanto o outro pedia esmolas para o atacado. O que pedia esmola, estaria possivelmente no sítio do seu irmão, se não fôra a nossa Casa! E' hoje um pequeno homem cheio de esperanças. Pesa-lhe sobre os ombros a responsabilidade da chefia e ele sente e vive essa responsabilidade.

Porque não havemos nós de trabalhar à base da Confiança? Entreguei o cheque ao antigo pantomineiro. Mais. Entreguei-lhe uma grande dúzia de rapazes e li-lo pastor! Claro que isto é uma loucura. Isto tem necessariamente de se tornar reparado e ser necessá-

riamente criticado. Os judeus pedem milagres e os gregos ciência; mas o escândalo do Evangelho, não o aceitam. Ontem, como hoje, há gregos e judeus.

O movimento de dinheiro no Lar do Porto, é grande. Um dia destes, fui dar com o chefe muito preocupado; faltavam cem escudos; que tinha mexido e remexido, e não acertava as contas. Eu não lhe perdoei. Fiz-lhe ver quam grave não era aquela falta. E disse e disse e disse. De outra vez que ali fui, vejo um novo semblante; o rapaz tinha dado com o gato: olhe, era aqui.

Também este foi das ruas. E não seria nada do que é, se tivesse entrado, em pequenino, nas pautas conservadoras. Porquê? Porque não dão oportunidades. Não são obras consoante a natureza. Eles pretendem ser autores e mestres.

Confiança. Gosto da força que esta palavra tem. Antes quero a

derrota da confiança do que o triunfo da vigilância. Asneiras que eles façam por si mesmo, são lições.

Vem lá o mundo novo, ninguém tenha dúvida a tal respeito. A última palavra não é dos homens, embora eles falem de muitas maneiras e em muitos lugares. Deus é quem risca. As obras embebidas do Seu Espírito, é que o manifestam.

Há dias, tive cartas de um estudioso estrangeiro, que me pedia dados da Obra da Rua, para apresentar a sua tese sobre Aldeias de rapazes na Europa e na América. Deixe-se entrar a luz. Não façam como na nossa terra acabam de fazer a um estudioso, que pretendeu fazer sua tese final sobre Doutrina da ilegitimidade aqui exposta e disseram-lhe que não! Que não convinha... Ora eu muito gostaria que me dissessem na volta qual é mais perigoso; se o comunismo sem Deus ou o comodismo com Ele.

Vem lá um mundo novo, o qual não assenta na força das armas mas sim na da Justiça. Os humildes são o alicerce. Por eles se vai começar. A nossa Obra é já uma promessa. Confiança.

# BARREDO

**F**RAM espinhas de bacalhau segundo ela me disse. E' dum vapor que está aí à descarga; a gente vai lá pedir e dão-nos estas espinhinhas. São muito boas.

Estava a fazer caldo delas quando eu entrei. Ia dar meio dia. Três crianças choravam numa espécie de cama. Quis saber porquê. Estavam sem comer desde ontem à noite. São os meus filhinhos; eu tenho-os entretidos na cama até fazer o caldo.

Dali cortei à direita, rumo a outras paragens. Dentro de uma semana desaparecem três... De um já sabia pelo Licínio, que tinha ido de véspera visitá-lo e viu o caixão. Dos mais, soube o na jornada. Outros esperam. Um deles é um rapaz novo,

que me pediu em todo o modo uma cama no sanatório: eu não quero morrer, senhor doutor.

Já subi de categoria; agora sou o senhor doutor! E já vai havendo um bocadinho de ordem; como sabem que a multidão me aborrece, aparece gente a tornar: fora canalha! Sobretudo, desde que passou o boato de eu não mais ali voltar, por causa do barulho.

Nunca se visita um só, em qualquer casa que se entre; nunca. As portas abrem-se e o panorama é igual.

Ontem uma velhinha cega e aleijada, arrastava-se nos degraus de um sotão, ao sentir-me; faz cortar o coração!

Há cenas espantosas de amor: ele não me é nada, mas eu tive pena e trouxe-o práqui.

E desfiam o caso. O caso d'aquela ou d'aquela que ali se encontra no leito. Epopeias!

As quantias que eu vou distribuindo à maneira que entro nas casas, escandalizam. Por mais que eu peça segredo, o povo não sabe calar; e d'aqui nasce o falatório. Recebo cartas curiosas a esse respeito. Sou espreitado e severamente criticado; você deu tanto dinheiro a uma mulher perdida, que ela esteve numa taberna, bebada, e não deixou dormir a vizinhança.

Por várias razões deve ter entrado na taberna aquela mulher, sendo a principal de todas, a presença e a permanência dos quartilhos. O Vício no Barredo, é cidadão. Ninguém lhe foge. Ninguém o pode evitar. Os doentes, dentro de suas casas, nos seus leitos miseráveis, se o não sofrem em seus corpos, têm de suportar o dos mais. Aquela carta o diz: não deixou dormir a vizinhança.

Ora todos nós devemos trabalhar pela libertação dos nossos irmãos. Defendê-los. E' este o sentido cristão

da sociedade. Esta é feita, dirigida e mantida para o bem comum. Que diversidade de membros no corpo humano! E se um se queixa o todo sofre! Pois bem. Trabalhemos. Eu vou dizer como:

Tenho amigos no Bairro da Corujeira e vou por ali várias vezes. Hoje de manhã foi o dia que ali estive. Casinhas brancas. Ruas empedradas. As donas de casa, ocupadas a estender roupa ao sol, nos seus formosos jardins; tudo ali cheira a sabão. Dos lábios de quem me conhece sai um alegre ai aqui vem fulano, mas ninguém larga o seu posto de trabalho. Crianças limpas, folgam à porta de suas casas.

Há o Fiscal; o senhor Fiscal. Não se trata de qualquer homem fardado e revolver à cinta; não senhor. E' um agente de autoridade caseira. E' um habitante do Bairro.

De onde veio aquela gente toda? Nada; moravam nos barredos. Então quê? Nada; mudaram de ambiente. Não há tabernas, aonde cantem mulheres perdidas. Não há lupanares aonde se percam mulheres.

O Vício, ali, não é cidadão. Eis. Ajudem os. Defendamos os nossos Irmãos. Todas as forças. Todos os corações. Todas as inteligências. Que os Barredos nos façam doer; somos membros uns dos outros e todos um Só Corpo. Esta doutrina é dos Apóstolos. Prêguemos a Desgraça nacional, e vamos por aí abaixo até Lisboa: juntas de freguesia, camaras municipais e governos civis a um lado. Irmandades e confrarias a outro. Atrás os capitalistas com seus cheques em branco, assinados, para as justas participações. Levantar, Corujeiras, demolir Barredos. Todas as forças. Todos os corações. Todas as inteligências.

Uma só comissão. Uma só voz. Aquela Mulher que nos enviou um cheque de 500\$00 a dizer enquanto houver barredos é vão tudo quanto se faz em Portugal.—essa também pode ir. Ela que fale.

Construir e demolir; eis a ordem natural. Instalar os da nossa carne. É por aqui que se começa; por

# PEDITORIOS

**O** Coliseu foi a porta. Doze contos certinhos. Muito cascalho, sinal de que todos deram. À sessão da tarde, preguei na plateia, em cima de um caixote, com o micro na mão. À da noite, não senhor; foi no palco. Como era dia de venda, o chefe do Lar do Porto segurou os melhores, entregou-lhes sacas e soltou-os no meio da assistência... Quando regresssei a Paço de Sousa, logo no fim da segunda arenga, deixei ficar as sacas. Nessa noite, quatro rapazes do Lar, estiveram até às 2 da madrugada a contar e empacotar. Depois, segundo me disse o chefe, houve um pecadito; vinho fino e fatias de bolo-rei. Depois, mais um outro pecadito; a cada um sua placa de dez. Assim costuma V. fazer quando nos leva a pedir nas igrejas—eis de como o rapaz se justificou. Seja o fruto do peditorio a lição de confiança depositada nos para quem peço.

aqui se devia ter começado. Nem chegaríamos jamais aos apuros d'hoje, se assim tivéssemos feito. Cristo é o Fundamento de toda a ordem social e económica. Sem Ele—nada. Que entendam os grandes homenzinhos.

## NOTICIAS DA COSTA OCIDENTAL

O nosso documentário anda por lá a fazer das suas... Ele data de 1947; é já um bocadinho antiquado; depois d'aquela data já houve aumentos. Antiquado, sim. Mas o pensamento é d'agora. A alma está. A assistência comove-se, inflama-se, quer mais. As cartas que se recebem de homens que eu não conheço, são o penhor do preço transcendente da Humanidade. E' preciso descer às profundezas do mistério da Incarnação e neste clima, sentir a Beleza da fraternidade.

Mas os homens da Costa Ocidental não se ficam em palavras; vão às obras. No Lobito, deram 4.334\$00. Benguela, falou com 2.948\$00. Outra vez o Lobito, Cine Colonial, 568\$00. Vila General Machado, andou com 1.604\$00. E continua. O documentário vai a todas as vilas e povoados. O dirigente d'este serviço social a bem da nação, é o Senhor João Salema.

Os assinantes, que já se contavam por números subidos, agora são chusmas! Não há terra aonde o filme passe, que não levante a voz. O Avelino não tem mãos que cheguem; já me pediu mais rapazes.

E eu vou. Eu cá vou à Costa Ocidental e à Oriental,—vamos a ver. Tenho o ar e tenho o mar por caminho. O Zé Eduardo tem exames, mas arranja-se outro Zé. Se eu falasse, iam todos comigo. Vai só um.

# AQUI, LISBOA!

COM o fim do ano, o esgotamento das nossas finanças torna-se aflitivo. Em boa maré vem o Advento e o Natal arrazar montes e encher vales.

Não pedimos nada; mais meritória portanto a espontaneidade dos donativos que nos foram enviados. Vê-se que a Casa está no coração dum grande número de Lisboaetas. Tanto melhor.

Pudemos assim encher de alegria a alma dos nossos Rapazes, e repartir alegremente por muitos pobres da Curraleira, do Sanatório da Flamenga, de Hospitais de Lisboa, pelos pobres do Tojal e arredores. Mil graças a Deus!

Aqui, na Casa, houve festa teatral com Autos, comédias, des-cantantes e quadros vivos. Um deslumbramento!

Tivemos missa do galo com cânticos, comunhão e depois filhos e boroas do Natal. O pequeno tabordas dizia ao acordar, altas horas do dia, já com sol alto: *que noite tão pequeninal...* Durante o dia alguns dispersaram até a casa dalgum padrinho ou parente. 50 ficaram por não terem ninguém.

O Rui foi até à Curraleira ao colo do pai. Este tinha vindo já na véspera, para o levar. Vi os andrajos do pai, a barraca, a Curraleira... e disse-lhe terminantemente que não.

O homem voltou no dia seguinte com tal insistência que o levou, para voltar a trazê-lo às dez da noite. Vinha radiante. Que se tinha juntado a Curraleira em peso para ver o seu menino; que já o não conheciam de gordo que estava; que eram *ais* e mais *ais* de alegria por ele ser tão lindo, por estar tão bem vestido etc. Um triunfo para o pobre homem!

Por falar na Curraleira, vem-me à lembrança uma grande notícia que tenho para dar ao País: *acabaram as furnas!!!* As Autoridades de Lisboa envergonhadas, e com razão, resolveram entulh-las!

Daqui por diante, *«furna»* é um arcaísmo! Mas ficam ainda de pé as *Curraleiras*. Sei que fazem para lá caminho, briosos Rapazes do I. S. Técnico. Pode ser que algum deles venha a sobraçar a pasta de algum Ministério e queira coroar-se de louros, substituindo as *Curraleiras* por lindas aldeias portuguesas construídas algures, fora de Lisboa, na província ou nos vastos territórios ultramarinos.

MAS vamos então ao que Lisboa nos enviou para o Natal dos Pobres a começar pelos da Casa.

Boroas, muitas, muitas. Brinquedos, piões com a respectiva faniqueira; seis sacos de batatas, dois de grão, um cabaz de melões. Assobios, guitarras e pandeiretas capazes de rebentar com os tímpanos mais duros. Algodão, remédios e utensílios para o dentista. Ainda não veio a cadeira e a broca para o mesmo. É coisa de cinco contos; quem se habilita? Roupas, muitas também; uns cinquenta embrulhos. Mais de «um católico do Porto». Camisolas de lã, meias, gravatas, livros e revistas e um mundo de coisas deixadas amorosamente no Montepio Geral.

A «Covina» livrou-nos duma grande aflição que era ver o In-

verno a entrar na nova casa dos agricultores. Com 680 vidros já cortadinhos e tudo, salvou-se a casa e uns poucos de contos que teríamos de dar.

Outra aflição era conseguir camas para 35 habitantes da mesma casa, dada a penúria que vai pelo Socorro Social. O Senhor Director da Fazenda Pública resolveu a dificuldade, com uma penada, dando-nos as camas e mesas de cabeceira.

Falta o resto da mobília: mesas, fogão, tachos e panelas, lençóis, cobertores, colchas, pratos e garfos etc.

Veio bastante flanela. Muitos que já sabiam desta nossa precisão, foram às lojas e deixaram a encomenda que veio pelo correio. Outras perguntaram pelo telefone, e foi-lhes dito que de flanela e de cotim andamos mal. Dirigiram-se às lojas e fizeram o mesmo.

Mais açúcar, bolachas da M. Militar, cinco litros de azeite; mais berliques para o Presépio, este ano a cargo do Mendonça que revelou rara habilidade. Nele figura D<sup>a</sup> Branca de Neve e os Sete Anões!... Quanto a dinheiro, foi assim:

Produtos Lacteos manteve-se no nível anterior. Vacuum subiu mais trezentos. Grémio de Mercaria, idem. Mil de Estarreja, de um Lisboaeta, seis mil da Sacor, em carta 100, outros cem «para o pão de hoje», 20 para os pobres,



Casa do Gaiato de Lisboa. Três deles. Se dantes andavam tristes, agora não.

50 com o mesmo destino, por intenção do P. Cruz. Mais duma mãe 20 que «recebi», 100 dum sacerdote, 100 doutro. 1.000 doutro, do Brasil. Por alma dum capitão 200; 50 por um João; 50 duma confraria; 100 da Rua Castilho; 200 da Caravela 800 para a carta do Pedro. 40 mais 20 e 50 muitas vezes repetidos; 500 para assinatura, dum senhor visitante, 20 do seu porteiro que faz as suas delícias em ler o Gaiato, e 100 de sobrinhos pequeninos nascidos e dum por nascer, para a Tipografia. Mais 50 dum Padre do Patriarcado, 50 da Deolinda. 100 duma costureira para ir outra vez um bocadinho na procissão. Tudo pa-

ra a Tipografia.

500 depositados no Banco, do G. dos I. de Arroz; 75 no mesmo Banco. Maio 50 do «ganho de Dezembro que é sempre para os Pobres»; 50 do primeiro dinheiro da reforma do As. N.º 8; o 69, 101\$40 dum mealheiro colocado junto duma caixa do correio. Revistas, selos, roupas e açúcar de amigos angolanos.

Mais coisas multiplas e donativos de muitas dezenas de visitantes.

Padre Adriano

## CANTINHO DOS RAPAZES

TODOS vós recordais os dias amargos que passamos na casa de Paço de Sousa, com as tristes aventuras do Zé Maria de Cinfães; todos vós recordais. Pois deu-se agora um caso semelhante, na casa de Miranda, também com um Zé Maria; o Zé Maria da Covilhã.

Saiu de casa para a sua terra natal e dias depois regressa. Premeditou o crime, compra um bilhete do comboio, chega a Miranda, esconde-se e alta noite, assalta a casa. O roubo foi tão importante que a Polícia houve de o entregar ao Tribunal.

O Zé Maria está naquela idade em que todas as portas da vida se abrem, para um emprego honesto; ele tem 19 anos. Quando alguém morre d'esta idade, não há quem não lamenta; ai que pena, era tão novo! O mesmo podemos todos dizer agora, da morte do Zé Maria; ai que pena, era tão novo!

Em lugar de portas abertas, terá paredes sem elas. Paredes altas, escuras, frias e vigiadas. Não mais pode escolher; não tem opinião. Perdeu todos os seus direitos. Morreu.

Estes roubos praticados por vós não fazem falta nenhuma à nossa casa; Deus repõe. Não seria assim, se fossem os Dirigentes a roubar. Deus não repunha e a Obra acabava. Mas sendo vós outros a fazê-lo e como cada um é aluno, esse acto é por isso mesmo uma lição. O Zé Maria de Covilhã é o segundo mestre. O de Cinfães foi o primeiro e anda pela cadeias; a este vai calhar a mesma sorte.

Abre os olhos. Abre a inteligência. Determina-te agora.

## OUTRO MORRIS

É assim que está escrito nos vidros da retaguarda: *Another Morris—Outro Morris*. Sendo outro, as condições de posse, foram, contudo, algo semelhantes ao nosso primitivo. Eu vou contar. O primeiro que tivemos, *Morris Ten*, ia fazer oitenta mil. Ele andava muito bem. Não se queixava de coisa nenhuma. O motorista fazia gosto e trazia-o sempre a espelhar. Não lhe faltava com nada; ele sapatos, ele meias, ele comere-zinho certo. Mal o sentia gemer, tratava logo de ver onde era.

Mas os senhores experimentados enchiam-me os ouvidos: que o trocasse; que quem andou não tem pra andar; que vinha lá o tempo das enfermidades e baixas frequentes ao hospital; que as garagens levam coiro e cabelo. É mais e mais e mais. Foi então que eu comecei a sofrer mais de perto

as horas de uma separação; o *Ten* havia sido o meu primeiro amor!

Dirigi-me ao Arnaldo Brito, e Vigoço. Expus. Eles mandaram tomar o pulso e examinar o coração. Deram uma volta pela cidade. Eu não quis ir. Reuniu-se a junta. Falaram os entendidos. Fechou-se o negócio. Eu fiquei com um encargo de 36 deles, dos quais dei uma parte, e o resto, seria em prestações. Nós somos irmãos dos pobres do Barredo; compramos bacalhau às postas.

Tomamos o caminho de Paço de Sousa. Era outro *Morris*! Eu ia triste. Chegamos à noitinha. A malta deu fé e desata a berrar! *Olha o nosso carro novo!* No dia seguinte, onze vendedores do *Gaiato* tomaram lugar e seguiram para o Porto; foi a estreia jovial.

Não sei como chegou ao conhecimento de um cavalheiro, que eu tinha um encargo de 36 contos; cavalheiro, sim, no alto sentido social. Não sei.

Mas saibam agora todos que aquele Desconhecido, retirou de sobre os meus e colocou sobre os seus ombros o cargo total!

Este Senhor, tal como outros que assim costumam fazer, é necessariamente um homem de fortuna. Tem de ser. Mais. Todos nós, que lemos esta notícia, podemos ficar certos que outras obras de assistência recebem abundantemente do mesmo. Não tenhamos dúvidas a este respeito. São fortunas no sentido cristão, que tornam livres e felizes os seus possuidores. Aqui se deixa a notícia, para alegria espiritual. O mundo precisa de ouvir e de saber e de compreender.

ADQUIRA O

ISTO E A CASA DO GAIATO

ESCREVA-NOS UM

SIMPLES POSTAL

E O LIVRO SERÁ REMETIDO

PELO CORREIO.

Pedidos à Editora

Tipografia da

CASA DO GAIATO

Paço de Sousa

# TRIBUNA DE COIMBRA

## Miranda do Corvo

O trabalho é a grande escola de educação. É sempre a ociosidade a mãe de todos os vícios.

Há uma coisa dentro das nossas casas que espanta: é cada um ter a sua obrigação; e quando acaba a sua obrigação chega-se junto do chefe e diz *dá-me trabalho*. O trabalho é uma das armas da regeneração. Eles vieram da rua, da vadiagem. Chegam cá e enfrentando o lema *quem não trabalha não come*, alguns fogem; outros ficam e encaram a sua obrigação com todo o amor. Dá gosto vê-los! Outros ainda trabalham, só quando se não podem escapar. São felizmente poucos. Isto é para dizer que há dias foram encontrados no topo da povoação três dos mais novos, de seis anos, numa casa a pedir boroa. Ficamos espantados com o descaramento deles. Fomos examinar e concluímos que não era a boroa que os levava para tão longe, pois felizmente não lhes falta em casa o pão suficiente, mas sim a aversão ao trabalho.

Os mais novos até aos sete anos têm a seu cuidado a limpeza dos dois largos grandes. Já tinham abandonado a sua obrigação mais vezes para irem para casa dos vizinhos. Foram chamados a contas e agora não fogem. Têm que aprender a trabalhar para amanhã serem homens úteis à sociedade e nós queremos uma sociedade melhor e é para isso que trabalhamos.

—Há tempos visitou o nosso Lar de Coimbra uma família composta pela mãe e dois filhinhos e uma criada. Viram e reviram e admiraram os nossos pobres aposentados, que, apesar de pobres, são limpos e asseados.

Ao fim quiseram deixar as suas impressões e as suas lembranças; a mãe entregou uma caixinha com todas as miudezas necessárias para uma sala de costura e cinco pares de meias e uma camurcine e um bilhete a dizer assim: *que todos os pequeninos rezem pela conversão de meu marido*. A filhinha ofereceu cinco meadinhas de lã e um cartão que rezava: *os pequeninos gaitos meus irmãos rezem uma Ave Maria pela conversão de meu pai*. O pequenino entregou também meia dúzia de toalhas, três camisolas e uma boina e um cartãozinho: *faço o mesmo pedido que minha irmã, uma oraçãozinha pela conversão do meu querido pai*.

Amor a revelar e a pedir amor. Não é tanto o valor material desta visita e destas ofertas, mas é o seu valor moral. Aquela família que se sente infeliz por o chefe não ser do seu credo a unir-se a outra família que julga feliz por acreditar. A conversão é obra da Graça e por isso eles pedem uma oraçãozinha. É a oração dos pequeninos que faz grande violência ao Coração de Jesus. Quem dera que os nossos compreendessem o grande tesouro que têm na mão e que despresam! O mundo espera muito de nós e isto é o baluarte que leva à vitória. Já todos rezamos pela conversão daquele senhor e eu também rezei pois fui o primeiro a beneficiar das simpáticas ofertas. Eu fiquei com a camurcine que vai dar um (faiscão).

Que o senhor ilumine aquela inteligência e mova aquele coração e transforme aquela alma.

O que nos vão dando. No dia em que chegavam as esmolas a uma certa conta, recebi uma carta a rezar assim: *pedindo a caridade de duas Missas, envio essas migalhinhas e peço o favor de me inscreverem como pretendente à aquisição de dois livros Isto é a Casa do Gaiato, que muito desejo possuir*. Essas migalhinhas somam metade de uma nota das maiores que giram no nosso Banco. O recado ficou dado e as duas Missas já foram celebradas e a encomenda registada.

E a propósito previno os senhores leitores de que o livro já está pronto e as inscrições são muitas e que depois não se queixem e por isso falem já. Depois se eles faltarem, não barafustem a culpa é só vossa. *Quem vai ó mar aparelha-se em terra!*

Mais três camisolas de lã e a promessa da quarta para os gaitos que no verão foram vender o jornal à Figueira. E' uma família, então ali a banhos, que lhes deu de comer e agora os ajuda a vestir e lhes dá bons conselhos. Isto é animar.

*Quem dá papa é tio*, mas quem dá papa e vestir e educação é pai. Estes senhores são pais.

Um senhor Doutor de Coimbra com uma peça de flanela e outra de riscado e a pedir orações

por alma de sua mãe. Nós rezamos todos os dias pelos nossos benfeitores. Aqui está um belo meio de sufragarmos as almas dos nossos: a esmola por amor de Deus. E três camisas e um pulover de Coimbra. E um sobretudo e um *pede ao sr. padre para te deixar cá almoçar quando vieres vender o Gaiato* de uma senhora de Coimbra. Não quero pôr limites à generosidade e ao amor e por isso ele irá lá almoçar enquanto se portar bem. Mais dois retalhos de flanela, três litros de azeite e 50\$ escudos para os pobres de Coimbra. E de Coimbra uma aliança de ouro e uma carta testamento a lamentar por *não poder fazer mais a favor dos meus irmãosinhos abandonados*. Deus não olha só para o muito, olha para a intensidade do amor que se dedica.

E seis retalhinhos de flanela de Ilhavo e a prometer quando tiver que manda sempre. É mãe dos seus e quer ser também mãe dos nossos. Deve ser uma boa mãe.

E mais um mundo de coisas que aqui hei-de contar agora pela altura do Natal. Já começaram a chegar. Atenção ao que vai sair. Vai ser o fim do mundo. Coimbra vai mostrar que é sempre a «briosa».

Padre Horácio

## NOTÍCIAS DA CONFERENCIA DA NOSSA ALDEIA

### AINDA AS CONSOADAS

POR muito que se dissesse, ficaria concerteza muito, dentro do nosso coração, do que sentimos. É sentimos porque vivemos, comungamos e alegrámo-nos com o pobre, naqueles instantes de verdadeira e cristã fraternidade. Oh injustiças, misérias, descontentamentos, porque se todos nos compenetrássemos mais, reduzir-se-iam. Sim, o meu pobre estava doído; uma loucura de alegria! Aquela alegria que nós sentiríamos, se a infelicidade material nos atingisse e colocasse no mesmo plano.

Não ficou por aqui, foi mais longe, muito mais longe, outro pobre velhinho, que em suas palavras simples e desconcertantes, retorquiu para o confrade visitador: *tenho 76 anos e nunca tive uma consoada assim...* Nunca teve cinco quilos de batatas, dois de bacalhau e sete decilitros de azeite!... Estes, os desprotegidos, os que trabalharam uma vida inteira, moirejando na terra que nos dá o pão e nos alimenta para esta vida, chegaram ao fim e pioraram a sua situação! Mas, a estes e a outros, as conferências desfizeram o vácuo...

São heróis mutilados; homens simples e honestos, para quem os nossos olhos, nos dias cinzentos da sua velhice, haviam de lhes oferecer, ao menos, uma lágrima reconfortante. Eis o resultado: continuam a não ter uma consoada assim. Consoada simples, consoada portuguesa.

Humildes em tudo; um simples caldo os satisfaz. Amigos de prestarem serviços; e o meu, outro que tal, satisfaz: pedidos do vizinho. Um recado, um biscato que não custa, fá-lo de boa vontade. É a camaradagem dos pobres.

Sentem a sua infelicidade, declaram-na a cada passo e a cada momento, mas não desanimam! Apesar

da pouca e inexistente cultura dos nossos—porque a maioria não sabe ler—o seu coração não se revolta: crê na existencia do Supremo. E quantas vezes, erguem as mãos para o céu e fazem da nossa visita uma oração; um agradecimento sincero ao Todo Poderoso.

### O QUE RECEBEMOS

FELIZMENTE ainda há muito no mundo quem compreende o que seja um pobre. Mal de nós se assim não fosse... Perceberia o verbo amar entre os homens. Pois bem; de todos os recantos da nossa terra, sem baírismos de caridade—porque ela em si é universal—muitos se explicam, de como se pode mitigar a fome, alegrar as almas e dar aos pobres aquilo a que têm direito.

Aqui, e para os daqui, aflui tudo o que tiver utilidade, desde o dinheiro, às roupas. Mas, como companhia inseparável, vem uma palavra de contentamento. Alegria de dar; alegria que transmite alegria nos arraiais da miséria. Desta maneira tão elegante, tão cristã, mostraremos aos pobres que o mundo, em si, não está de tal maneira turvo, que não sinta o dever de consolar os seus irmãos. E preciso sim, despertar os ouvidos dos homens, atordoados, concerteza, com o materialismo do século.

Para começar, abre o rol, Boassas com 20\$00. Segue o Porto; é o assinante 1251 e como a carta não vai registada informem se a receberam. Nós tudo recebemos; obrigado. Veio também de Rio de Moinhos (Ribatejo), para ajudar a pagar a conta da farmácia, 20\$00. A farmácia para nós, é sempre a farmácia... E agora; agora vem de lá longe, dessa Angola que é também Portugal, um brado africano; *envio a importância de 120 angolares—bem insignifi-*

JÁ começamos a construir mais uma das obras. Já cá andam dois pedreiros a construir as nossas casas e dois homens lá de fora a abrir os alicerces e alguns dos gaitos a tirar terra e a cavar porque teve de ir para a fundura de um metro e tal, para estar ao nível das capoeiras. As nossas capoeiras têm algumas aves: galinhas, patos, perús, e pintaínhos. Também já veio há pouco tempo um porco da Casa de Coimbra; agora já temos quatro porcos.

A nossa quinta tem produzido menos mal. Algumas das nossas terras têm erva lameira para os bois e para a vaca e também para o restante gado da quinta; outras têm couves, favas; tremoços, e algumas estão para semear. Nós recebemos há pouco tempo uma encomenda que continha alguns pacotes de semente que nos ofereceu a firma Alípio Dias & Irmão. A estes senhores enviamos os nossos sinceros reconhecimentos e muito obrigado.

As nossas costureiras não têm roupa para nos dar a vestir; elas vêm-se atrapalhadas por causa da roupa. Principalmente aos sábados. As costureiras têm que fazer uma troca. A roupa do Domingo tem que ser para a semana. No Verão sempre nos remediámos porque está calor, mas no inverno está frio e temos que andar mais agasalhados. Como os nossos amigos leitores estão vendo é favor porem os olhos em cima destas linhas.

### A nossa Conferência

CARISSIMOS leitores há muito que não vêm aqui ao famoso as notícias da nossa conferência. E por isso aqui vão elas fresquinhas e boas. Nós todos os Domingos vamos visitar os nossos pobres a fim de lhes irmos levar alegria e conforto. Eles pedem-nos roupas, calçado, panelas, etc.. E nós não podemos dispor de nada porque não temos. Por isso contamos com a generosidade dos nossos amigos leitores que nos queiram enviar alguma coisa para que possamos socorrer os nossos irmãos.

HÁ dias veio cá o senhor P. Adriano; como a gente só temos uma laranjeira pequenita e este ano não deu nada lembrou-se de nos trazer algumas laranjas e também nos trouxe uma lata de óleo de fígado de bacalhau. Também costuma todos os anos dar laranjas uma senhora de Tabuas, este ano ainda não mandou mas também não se deve esquecer de nós.

António Gil

cante, é certo—para o pobre mais pobre que tenham de socorrer, nesta quadra do Natal, em que tudo deve ser Redenção e espírito de verdadeira Caridade. As palavras bastam; Deus lhe paga. Como as ofertas obedecem a uma ordem cronológica, explicou-se em seguida o nosso assinante 5307 de Vieira do Minho, com 300\$00. Esteja descansado; este é um cortejo dos sem-nome; muito obrigado pela lembrança. Outra carta, e mais amor aos nossos socorridos; é de Lisboa, duma mãe que vive em dificuldades e quer vendê-las, enviando para os pobresinhos 20\$00. Que Deus a ajude. Isto é um assombro!

J. M.